

SP 05/09/83

NT 091/83

Motoristas X Pedestres: Quem é o culpado? **(Pequena Contribuição para uma Reflexão)**

Adalberto Santos Capelo

Dentro do quadro da violência urbana das grandes cidades, o trânsito, sem dúvida alguma, destaca-se como um dos tópicos mais violentos.

Seus efeitos negativos atingem indiscriminadamente toda a população. Quem não teve um parente ou amigo que sofreu um acidente de trânsito?

Embora inúmeras medidas de segurança sejam colocadas em prática, o índice de acidentes continua elevado. Em São Paulo, dada a sua dimensão urbana e o alto volume de veículos em circulação (1.800.000), somados a uma população aproximada de 9 milhões de pessoas, esse tipo de problema assume proporções assustadoras.

Causas e Origens

Contudo, existem outras metrópoles que comportam não apenas uma maior frota de veículos, como também contam com uma população maior, como por exemplo: Tóquio, Londres e Nova York, sendo que nessas cidades o índice de acidentes de trânsito é muito reduzido, quando comparado a São Paulo.

Por que e como acontece em São Paulo um número maior de acidentes de trânsito?

As respostas são muitas e diversas, porém, todas encontram-se subordinadas a um conceito mais amplo e determinante: o crescimento urbano desigual e diferenciado da cidade de São Paulo, produto de um desenvolvimento econômico acelerado e predatório, que transformou e transfigurou radicalmente o seu traçado urbano e que trouxe como consequência uma profunda alteração no modo de vida de seus habitantes, sem dar-lhes oportunidade de uma adaptação com um mínimo de conflitos.

Hoje, temos uma cidade física e socialmente desfigurada, sem raízes, despregada de tradições, pontilhada por uma colcha de retalhos de hábitos e costumes quase que atomizados e ilhados por um mar de asfalto e concreto. Onde a comunicação humana é mediada pela tecnologia, cujos principais instrumentos de realização são: os automóveis, a televisão, o rádio, o telefone e etc.

No interior desse quadro é que se reproduzem e reproduzem as relações sociais de seus habitantes e se realiza aquilo que nos interessa mais de perto: a relação entre pedestres e motoristas.

Com isso queremos dizer que pedestres e motoristas não são categorias isoladas que interagem em campo próprio. São diferenciadas no particular e idênticas no geral, se entendidas como resultado de uma transformação urbana e social ocorrida de forma acentuada nos últimos 20 anos.

Na verdade, a incompatibilidade entre o motorista e o pedestre e os motoristas entre si reflete apenas uma incompatibilidade maior entre o indivíduo e a cidade. Por isso, todas as medidas de segurança e mesmo de educação de trânsito são, quando muito, paliativos de resultados duvidosos ou de alcance restrito. Se não se alterar essa relação mais ampla e complexa entre o indivíduo e a cidade, no sentido de dar ao primeiro um status de cidadania, modificando sua condição de simples morador e consumidor daquilo que lhe é socialmente imposto, esses efeitos tendem a agravar-se. Na medida em que o indivíduo se viu expulso do espaço, que era seu, em benefício do automóvel, que não é seu; por expulsão que se deu e se dá (mesmo com os calçadões) de forma agressiva e violenta,

a sua reação, individual e insana, também se manifesta de forma violenta, mas não sobre, ou apenas sobre, o automóvel e sim sobre a cidade como um todo, generalizada e difusa, refletindo negativamente sobre si próprio e sobre os habitantes da cidade (vide depredações de bens públicos, etc.)

Tomando por base essas considerações, dizemos que o pedestre não é culpado pelas mazelas do nosso trânsito, em função do seu comportamento inadequado em relação ao mesmo, ou de sua inadaptabilidade frente às exigências cotidianas que se apresentam, por viver ou sobreviver numa grande metrópole. O mesmo podemos dizer sobre o motorista, utilizando as mesmas observações de inadequação e inadaptabilidade referidas ao pedestre.

Com isso, queremos salientar que ambos, motoristas e pedestres, antes de serem definidos e rotulados enquanto tal, são indivíduos socialmente inseridos num contexto urbano extremamente violento que há muito lhes roubou a identidade.

Perdidos e isolados numa paisagem de códigos e sinais que os levam a todos os lugares e a lugar nenhum, motoristas e pedestres estabelecem uma relação de conflitos, cujas causas extrapolam seus âmbitos, mas os condenam a absorver seus efeitos e conseqüências, quase sempre fatais quando esse indivíduo encontra-se na condição de pedestre.

Em suma, ambos são vítimas e ambos estão condenados, por existirem ou tentarem existir numa cidade (sociedade) que os atrai e os repele ao mesmo tempo. Ou seja, são duplamente vítimas, a priori por serem ou tentarem a ser, posteriori por terem ou tentarem ter, sendo.

Deve ser salientado também, para que não se incorra numa interpretação negativa ao extremo, que no campo da Educação de Trânsito todos os esforços cometidos merecem o nosso respeito e consideração, mesmo porque teríamos, sem esses esforços, muito provavelmente, uma situação muito mais dramática do que a que aí está.

A mesma observação cabe à Engenharia de Campo que, na insana tentativa de compatibilizar o binômio Segurança e Fluidez, ora priorizando uma em detrimento da outra, tem permitido, bem ou mal, dar continuidade ao trânsito da cidade, o que possibilita às pessoas enfrentarem a neurose urbana em doses homeopáticas, exceção feita aos dias de chuva.

Finalizando, esses poucas linhas são mais fruto de observações pessoais e sensitivas, agregadas a uma percepção sociológica do urbano, sem contudo, e por isso mesmo, pretenderem ser definitivas e excludentes. Seriam sim, muito mais, uma modesta contribuição com vistas a estimular uma reflexão mais ampla dos fatos urbanos, onde a realidade trânsito e seus componentes básicos, motoristas e pedestres, se espelham e se refletem, sob uma única luz, que infelizmente não é a do semáforo, mas a da história presente, feita por homens e realizada no cotidiano de um espaço difuso, turbulento, contraditório e mal compreendido.

Tanto por aqueles que procuram entendê-lo como, e principalmente, por aqueles que apenas o preenchem, sem saberem como o porque lá se encontram.

Adalberto Santos Capelo
Participação Comunitária - Cetet